



As cidades da Cidade: a divisão social no telejornalismo local do Rio de Janeiro¹

Aline Gama de Almeida² e Alberto Lopes Najar³

Fundação Oswaldo Cruz
Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca
Departamento de Ciências Sociais
Laboratório de Análises Sócio-Espaciais e Políticas em Saúde Coletiva
Linha de pesquisa - Metodologias da análise de dados em ciências sociais ou desigualdades socioespaciais e qualidade de vida
Endereço: Rua Leopoldo Bulhões, 1480 / 9º. andar - Manguinhos
Rio de Janeiro/RJ – CEP 21.031-210 Tel.: 2598-2644/2598-2779

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação e Culturas Urbanas - Comunicação de pesquisa empírica.

² Graduação em Jornalismo pela PUC – Rio, 2001 e aluna do curso de Mestrado em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – FIOCRUZ.

³ Possui graduação em Engenharia (UGF, 1983), mestrado em Planejamento Urbano e Regional (UFRJ/ IPPUR, 1991) e doutorado em Ciências Humanas - Ciência Política e Sociologia -, (IUPERJ, 1997). Fez seu estágio pós-doutoral no Observatoire Sociologique du Changement, Sciences - po, Paris, França (2003/2004), onde retorna periodicamente, desde então, como colaborador em projetos de pesquisa comparada. Atualmente é pesquisador titular da Fundação Oswaldo Cruz onde atua na área de Sociologia Urbana. É líder do Grupo de Pesquisa "Laboratório de Análises Socio-Espaciais e Políticas em Saúde Coletiva".



Resumo

Estudos socioespaciais sobre o Rio de Janeiro apontam para modelos metropolitanos que são “modo de olhar” a ocupação espacial da cidade e influenciam diretamente nas estratégias políticas, sociais e econômicas. Alguns estudos apontam a favela como *locus* de moradia dos pobres e dos problemas urbanos como a violência e o saneamento. Outros que consideram também indicadores econômicos, educacionais e ocupacionais, mostram interações sociopolíticas e variações em toda a cidade. Para entender um pouco mais como esse fenômeno é representado socialmente, analisei reportagens do RJTV, da TV Globo, e do SBT Rio, do SBT e adoto os trabalhos de Jesús Martín-Barbero e Muniz Sodré para a hipótese de que os telejornais são mediadores entre os acontecimentos cotidianos da cidade e os telespectadores cariocas.

Palavras-chave

Divisão social; Sociologia Urbana; Telejornalismo; Rio de Janeiro



Introdução

O Rio de Janeiro é fonte de inspiração de filmes, músicas, poemas, romances, novelas e trabalhos científicos das mais diversas áreas. Como toda musa inspiradora, é enaltecida por sua beleza e ferozmente criticada por seus defeitos. Assim, a cidade carioca é apreciada por suas curvas maravilhosas: as montanhas, as praias e as florestas, e estigmatizada por seus problemas imperdoáveis: a violência, a sujeira das ruas e as favelas.

Filmes, músicas, poemas, romances, novelas e trabalhos científicos não se voltam apenas para as belezas naturais, mas também para o jeito, as gírias e o convívio cotidiano - às vezes violento, às vezes pacífico - de símbolos cariocas, como o malandro da Lapa, a mulata da Beija-Flor de Nilópolis, a *'socialight'* da Zona Sul, os tijuicanos emergentes da Barra da Tijuca, etc.

Existe também aqueles que constroem um outro discurso. Mostram os problemas da cidade na saúde, na educação, no saneamento, na violência e nas diferenças entre pobres e ricos, favela e asfalto, bandidos e pessoas de bem.

Se o Rio de Janeiro é tudo isso, poesias naturalistas e tragédias urbanas, o que muitas vezes se produz nas interações pessoais e na fala cotidiana são os problemas da cidade que para muitos é simplesmente partida.

Assim, parte-se do princípio de que poucos não se aproximam dos problemas da educação, da saúde, do saneamento e da violência. Estes poucos são as pessoas de bem, que moram em casas e prédios do asfalto. Os outros muitos, que são a outra parte da cidade partida, estão tão próximos que se confundem a tais problemas. São os pobres, que moram nos subúrbios, nas favelas e no asfalto propriamente dito, em praças, marquises, passagens subterrâneas e viadutos.

No entanto, também há quem fale que o Rio de Janeiro é uma cidade perdida para a violência, a educação e os hospitais ineficientes, o transporte caótico, a rede de esgoto e coleta de lixo destruidores do meio ambiente. Mas para aqueles que chegam conta-se sempre que a população é simpática e hospitaleira e que a cidade é maravilhosa. O “Rio de Janeiro continua lindo” e indo fevereiro e março. Aponta-se a beleza do litoral, o verde e as montanhas que ainda nos cercam.

Dentro dessa multiplicidade de relatos pode-se perceber uma narrativa sempre em construção e reprodução do cotidiano carioca, retratando essas dicotomias. Na busca



de compreender um pouco mais sobre esse fenômeno, pesquisou-se em materiais audiovisuais, como é representada a divisão social, marcada pelo local de moradia do Rio de Janeiro. Para isso, foram escolhidos dois dos cinco telejornais locais - o SBT Rio, do SBT, e a segunda edição do RJTV da Rede Globo de Televisão, pois o telejornalismo local transmite diariamente os acontecimentos da cidade.

Entende-se a divisão social como algo próprio à ocupação do espaço e foi primeiramente percebida por Durkheim e aparece em seu texto “Da divisão do trabalho social”. A divisão social é uma produção das interações humanas dada pelo contexto histórico, econômico e cultural permeadas por valores sociais que são negociados pelos indivíduos.

As diferentes ocupações muitas vezes mostram uma realidade complexa de proximidade espacial e distância social, como as apresentadas por Velho (1982) no estudo sobre um edifício de Copacabana, no qual pessoas de diferentes classes sociais e origens dividem o mesmo espaço de moradia.

No Rio de Janeiro, com o surgimento da favela no início do século XX e a permanência desta no espaço urbano até os dias de hoje, cria-se um marco da distância social pela divisão da cidade entre favela e não-favela que, desde a sua aparição, é objeto de reflexão de jornalistas, médicos, engenheiros, urbanistas, entre outros.

A ocupação do espaço urbano é interpretada de forma dicotômica e sem mediações por aqueles que consideram a cidade partida. Há uma relação das classes sociais com a escolha da localização de moradia. As classes pobres e trabalhadoras moram em cortiços, favelas e subúrbios; a elite, as áreas com mais infra-estrutura urbana. Essa ocupação do espaço levou alguns autores a perceber o Rio de Janeiro como uma cidade segregada, desigual, partida.

Essas demarcações se modificaram ao longo do século XX de acordo com o crescimento urbano. Áreas consideradas nobres no início do século, como o Centro e alguns bairros da Zona Norte se desvalorizaram, e outras surgiram associadas à moradia da elite como a Zona Sul e a Barra da Tijuca. Além da favela para os pobres e asfalto para os ricos, há ainda outra dicotomia referente ao espaço social que é a divisão Zona Norte e demais subúrbios e Zona Sul, também respectivamente, pobres e ricos.

Essa dicotomia, que relaciona a classe social ao espaço urbano, é uma das formas de observação da divisão social. O que, no Rio de Janeiro, acaba representando a distância entre os pobres e a elite, como se não houvesse classe média e diversidade na



escolha da moradia. Tal divisão não é a única e muito menos é ausente de valores econômicos, sociais e culturais.

Nesse sentido, não se pode esquecer que os telejornais são produtores de discursos que partem de características relativas à empresa de comunicação, ao horário, ao público, aos anúncios publicitários e também a formação profissional da equipe de jornalismo. Em seu trabalho sobre o telejornalismo, Szpacenkopf (2003) mostra a produção de notícias como uma forma de poder político sobre o telespectador, relacionada a uma prática de comunicação inserida na sociedade brasileira contemporânea, possuidora de um sistema cultural específico, que tem o telejornalismo por uma técnica que fala sobre o cotidiano da cidade de modo determinado pelas suas características.

Os canais de televisão são veículos de comunicação que funcionam por uma concessão do governo federal e obedecem a legislações específicas, como o rádio e toda a mídia impressa. Toda Rede de Televisão, transmitida em canal aberto, possui telejornais locais para informar os telespectadores sobre os acontecimentos que influenciam no dia-a-dia da região metropolitana.

Para o estudo, não foram usados como referência teóricos da comunicação ou da lingüística que trabalham com a análise da recepção e possíveis efeitos da informação. A questão não se volta para a dinâmica comunicacional, mas para a análise do discurso sobre a divisão social mostrada por um produto específico da comunicação social, que é o telejornalismo local.

Objetivos gerais e específicos

O objetivo geral do estudo foi a investigação de como a divisão social é retratada através de enunciados e imagens no SBT Rio e no RJTV II relativos ao local de moradia e contribuir para o debate dessa temática na Saúde Coletiva.

O primeiro objetivo específico foi análise de discurso das reportagens que produzem uma realidade cotidiana da cidade e é apresentada diariamente pelos telejornais. Dessa forma, pode-se observar a dicotomia entre a produção da realidade cotidiana da cidade e o pensá-la pelo seu ideal ou normal. Supôs-se que os telejornais locais registram os problemas da cidade real, contrapondo ao discurso da cidade ideal que também é apresentado como solução. Os múltiplos sentidos e valores sobre a cidade



real e ideal são reproduzidos nos meios de comunicação, filmes, músicas, poemas, romances, novelas e trabalhos científicos e, principalmente, em conversas cotidianas.

O segundo objetivo específico foi observar como os enunciados, textos e imagens, transmitidos pelos telejornais tratam dos locais da cidade. As notícias foram destacadas para análise quando imagens ou palavras se referirem a locais do Rio de Janeiro que são usados para morar. A observação teve como base as questões que seguem:

- Que imagens são escolhidas para mostrar os locais da cidade? Quais são as finalidades dessas imagens? O que compõe a imagem? Por exemplo: as notícias sobre Copacabana só mostram a orla, a beleza das mulheres, a vida noturna ou as favelas que cercam o bairro? Outro exemplo: ao falar da favela mostra-se sempre a pobreza, a violência, os movimentos assistenciais?

- Que pessoas são relacionadas aos locais? Como estas são caracterizadas por imagens e enunciados? Classe social ou ocupação? O que e como fala?

- Os problemas da cidade aparecem em que locais? A violência, a infraestrutura urbana deficiente, a pobreza são relacionados a quais locais? São apresentadas soluções ideais para tais problemas? O que dizem?

Materiais utilizados e considerações metodológicas

Foram coletados registros audiovisuais dos telejornais locais, o RJTV, da TV Globo, e o SBT Rio, do SBT, nos meses de fevereiro, março e abril do ano de 2007. O material foi recolhido através de gravação residencial.

Foi feita uma seleção de reportagens a partir de uma triagem de palavras relacionadas à moradia: casas e prédios, moradores e moradia, habitantes e habitações, favela e comunidade. Após essa seleção transcreveu-se o texto (áudio e vídeo) e as imagens para analisar o discurso de algumas reportagens a título de amostra sobre a divisão social da cidade do Rio de Janeiro. Não se observou, no entanto, aspectos particulares das imagens propriamente ditas como os planos e os enquadramentos pelos quais as cenas são exibidas.

O objetivo do método é identificar que aspectos relacionados à moradia aparecem nesses documentos audiovisuais. O que nos informa e nos aproxima como telespectadores desses locais que fazem parte do Rio de Janeiro. Sabe-se, no entanto,

que telespectadores e comunicadores participam de uma interanimação dialógica que não se esgota nem no momento da recepção nem da produção.

Análise do discurso dos telejornais seguiu uma leitura, sugerida por Medrado (1999), em seu estudo de mídia, que considerou a função interpretativa e analítica do jornal, pois é possível identificar vários sentidos em uma matéria. Não cabe a análise da procedência e da veracidade das informações atribuídas às notícias e reportagens, mas a funcionalidade do material de áudio e vídeo. A edição desse material tem uma intenção comunicativa específica com argumentos e uma construção retórica.

Discussão

Após a segunda metade do século XX, os meios de comunicação, rádio, televisão, telefone e computador pessoal, em função das tecnologias de transmissão a cabo e via satélite, modificaram as interações individuais e o cotidiano histórico-social e cultural das sociedades ocidentais, percebidas então como uma sociedade de massas.

O número de pesquisas e estudos sobre a massificação da sociedade é imensa e não interessa aqui discutir como se deu o processo e nem suas questões. Segundo os estudos de Canclini (1995) e Martín-Barbero (2001a; 2001b; 2004), a preocupação atual da comunicação é que se estabeleceu outras maneiras de se informar, um novo modo de pensar a produção, de entender as comunidades a que se pertence, de conceber e exercer os direitos em função do conteúdo transmitido pelas mídias para um grande número de pessoas. Esses autores destacam essa questão na América Latina, onde os meios de comunicação modificaram as relações das pessoas com a cultura, a educação e a política.

No contexto brasileiro, a televisão possui um papel relevante como fonte de informação e reprodutora de valores sociais. O ato de ver televisão está culturalmente destinado ao lazer e a busca de informação. De acordo com Sodré (1984a), a programação da televisão brasileira reflete nossas questões sociais. É produzida em função da jornada de trabalho de oito horas diurnas, destinando a noite a programas do “horário nobre”, como apresentado por Tilburg (1990).

A última PNAD (Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios) indica que sobre a posse de bens duráveis de domicílios particulares no Brasil, em 2003, pode-se dizer que 90,3% possuíam TV em cores. Na região metropolitana do Rio de Janeiro, que é para onde se transmite os telejornais desse estudo, esse percentual vai para 97,4% de

domicílios com TV. A porcentagem alta do número de televisores no total de residências do país e o horário de maior audiência chegar a uma média de 4 milhões de telespectadores só no Rio de Janeiro, medidas pelo IBOPE, aponta a importância de se estudar o conteúdo televisivo⁴.

A escolha dos telejornais do SBT Rio e o RJTV II, ao invés de outro produto do rádio ou da mídia impressa, se deu pela apropriação da temática do Rio de Janeiro, pela audiência e pela produção dos telejornais por diferentes empresas de comunicação. Entre os cinco telejornais locais, o RJTV II e o RJTV I possuem a maior audiência, seguindo da maior para o menor número de telespectadores, temos o SBT Rio, Bom Dia Rio (Globo), RJ Record, Jornal do Rio (BAND) e Notícias do Rio (TVE)⁵.

O telejornalismo local, diferente da telenovela e de programas de auditórios, falam sobre o que aconteceu na cidade no dia de sua transmissão. Assim, atuam como mediadores de problemas urbanos e contribuem para articulação do debate nas decisões individuais e de políticas públicas, na própria história da cidade e também em estudos sociológicos. O relato factual dos telejornais não consegue captar toda realidade e nem é produzido com impessoalidade ou ausência de valores, mas colaboram na manutenção de formas de se pensar e se estar na cidade como mostra Dreier (2005) em seu trabalho sobre a cobertura de cidades pela mídia americana.

Para o estudo sobre o local de moradia como um dos aspectos da divisão social da cidade, duas expressões serviram de referências no diálogo com o material áudio-visual dos telejornais por também se apropriarem de fatos e relatos cotidianos. A primeira delas é a apropriação do termo cidade partida, a partir da década de 90, pela mídia e por cientistas para expressar diferenças, espaciais, sociais e econômicas do Rio de Janeiro. O termo é título de uma reportagem do jornalista Zuenir Ventura (1994) que virou livro. A “Cidade Partida” descreve uma situação de guerrilha urbana que divide os moradores da favela e do asfalto, os pobres e os ricos, os bandidos contra a sociedade.

A outra acrescenta a possibilidade de negociações e apropriações culturais, políticas e econômicas pelos cidadãos do Rio de Janeiro para construção de uma estrutura social mais plural. Najar (2002) apresenta em sua análise sobre os Censos, feitos no Rio de Janeiro em 1991 e 1996, que se pode observar a cidade como um mosaico complexo com nuances e matizes que possibilitam mobilidades individuais, ainda que repleta de tensões compatíveis com qualquer outra megalópole atual. O que,

⁴ Ver tabela de audiência em anexo I.

⁵ Idem.

segundo Rocha (2005), configura uma “Cidade Cerzida”, também título de um livro sobre a favela do Morro Santa Marta. A cidade é cerzida “na medida em que a favela se torna necessária para a existência da cidade, para o seu funcionamento legal e ordenado, segundo a lógica do asfalto, sua presença não é só permitida, como é acolhida.” (ROCHA, 2005, p.29)

O processo de favelização, aumento do número de favelas e das favelas existentes, se contrapõe a todas as expectativas dos planos urbanos, como podemos ver nas análises de Valladares (1980) e Rezende (1982). As favelas aparecem como objeto de reflexão desde o início do século XX. As preocupações dos planejadores urbanos, sociólogos e sanitaristas são marcadas pelo embelezamento da “Cidade Maravilhosa” e estabelecimento da ordem. Os projetos urbanos visavam o deslocamento dos habitantes de favelas para moradias populares subsidiadas pelo Estado, além da estruturação de saneamento básico e do embelezamento do local. O que se apresenta até hoje nos projetos “Favela-Bairro” e “Rio Cidade”.

Portanto, novas favelas surgirão e grande parte das existentes permanecerá fisicamente no seu local de origem e conceitualmente como forma degradante de habitar a cidade. Ainda que algumas hoje já sejam reconhecidas pelo poder público por Regiões Administrativas, como a Rocinha, o Complexo do Alemão, a Cidade de Deus, todas continuam o destino de ser moradia dos pobres e marginalizados, observada como unidade política e social por aqueles que vêem a cidade como partida.

Os trabalhos de Rezende (1982) e Abreu (1987) sobre a história do desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro apresentam reflexões relevantes sobre os ideais de cidade que aparecem na produção de planos urbanos. Estes não saíram da cabeça dos planejadores e das normas estabelecidas no papel para ruas, habitações, favelas, locais de produção, saneamento básico e sistemas de transporte, pois são as vivências e experiências pessoais que produzem o Rio de Janeiro como ele é.

Além desses aspectos, ao pensar em relatos e estudos sobre o Rio de Janeiro que apontam ora para “Cidade Partida”, ora para “Cidade Cerzida”, é preciso estabelecer que há uma diferença entre um organismo e uma sociedade, como afirma Canguilhem (2006). “No caso do organismo, o terapeuta dos males sabe, de antemão e sem hesitação, qual é o estado normal que deve ser instituído, ao passo que, no caso da sociedade, ele o ignora. Não há verdade. O estado social normal e a procura dessa definição divide aqueles a que ela se dedicam.”(CANGUILHEM, 2006, p.219)

Nos estudos contemporâneos das cidades, a definição de segmentos sociais numa sociedade complexa analisados por Velho (2004) é uma questão estratégica, pois precisa localizar experiências suficientemente significativas para criar fronteiras simbólicas. O que pode contribuir para o entendimento da visão da cidade partida e segregada que se opõe à extrema fragmentação e diferenciação de papéis e domínios. Em sua análise sobre o comportamento desviante, Velho (2003) mostra que nenhuma estrutura social é homogênea, mas uma representação da ação de atores diferentemente e desigualmente situados no processo social.

O estudo do estigma realizado por Goffman (1988) em análises de indivíduos pode também ajudar a refletir sobre a questão da divisão social do Rio de Janeiro. O autor diz que a informação do estigma sobre as características mais ou menos permanentes se opõe a estados de espírito, sentimentos ou intenções. Tal informação, transmitida por signos, é reflexiva e corporificada. Alguns signos podem ser chamados de símbolos, pois são acessíveis de forma freqüente e regular.

No caso do Rio, o local de moradia se transformou em informação de um estigma. A favela é um ícone que se associa à pobreza, à criminalidade, ao tráfico de drogas, independente do bairro em que esteja localizada. A Zona Norte e o subúrbio bem menos que a favela também é considerada uma área perigosa, feia, distante de nossos cartões postais que estão todos na Zona Sul. Este sim é o lugar que é a imagem da cidade com o mar de Copacabana, o Pão de Açúcar, o Cristo Redentor e a garota de Ipanema.

A favela, então, marca a divisão social do Rio de Janeiro, possibilitando pensar em uma polarização urbano-metropolitana. Mesmo que estudos apresentem a diversidade de classe e interações sociais e políticas, a favela continua como o local da cidade que se relaciona aos problemas urbanos: a violência, a pobreza, a falta de saneamento básico e a distância dos recursos públicos como os hospitais, as delegacias de polícia e as escolas.

O instrumento dos telejornais é a informação de um acontecimento. Ao se pensar nas cidades atuais, que são impossíveis de ser conhecidas em sua totalidade, veremos que “é na televisão que a câmera do helicóptero nos permite alcançar uma imagem da densidade do tráfego nas avenidas ou da vastidão e desolação dos bairros de invasão; é na TV ou no rádio que, cotidianamente, nos conectamos com o que, na cidade ‘em que vivemos’, sucede e nos diz respeito, por mais longe que estejamos de tudo.” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 293)

O caráter utilitário do telejornalismo é o de mediação entre acontecimento e telespectador. O conjunto da cidade e até mesmo o desenvolvimento dos acontecimentos que poderiam aproximar a narrativa telejornalística da novelesca, literária ou cinematográfica pela construção do enredo e da intriga não é o constante na produção das notícias televisivas. Em sua análise de conteúdo dos telejornais da TV Globo, Temer (2002) observa que a segmentação das notícias e reportagens esvazia o conteúdo e torna o espetáculo o único objetivo possível, limitando o telespectador a não ser informado sobre os desdobramentos dos acontecimentos.

A exceção pode ocorrer quando algo interfere na rotina da sociedade como, por exemplo, a morte e o velório de algum político ou artista famoso, os julgamentos ou qualquer acontecimento que tenha importância e durabilidade temporal, dias ou semanas, como vimos, no seqüestro de um ônibus que durou dez horas, no Rio de Janeiro, no dia 10 de novembro de 2006, ou no assassinato do menino João Hélio em fevereiro de 2007.

Tais acontecimentos são transmitidos em flashes durante todo o dia ou semana, acrescentando novas informações, fatos e personagens que em uma análise instrumentalizada pelos componentes da literatura como enredo, intriga, personagens, tempo cronológico, etc. poderiam suscitar um estudo para narratologia.

No entanto, diariamente se observa nos telejornais enunciados e imagens, transmitidos em poucos minutos, que preenchem a distância que os separa do telespectador. Assim, tanto telespectadores como telejornalistas sabem que “narrar é saber que já não é possível a experiência da ordem que o flaneur esperava estabelecer ao passear pela metrópole do início do século XIX. Agora a cidade é como um videoclipe: montagem efervescente de imagens descontínuas.” (CANCLINI, 1995, p. 155)

A diferença entre telejornalismo e filmes, músicas, poemas, romances, novelas e trabalhos científicos é a familiaridade da apresentação, clareza das imagens, simplicidade do quadro e inteligibilidade. Estes são aspectos imprescindíveis ao discurso analógico da televisão que, segundo Sodré (1984), apontam “para nenhuma densificação do real pela imagem (como no cinema), indicam que a linguagem da tevê é basicamente a mesma do jornalismo, porque visa mostrar algo que se dá fora do vídeo e supostamente no mesmo tempo histórico do espectador.” (SODRÉ, 1984 (b), p.71)

Considerações Finais

Na apresentação do trabalho no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação no NP Comunicação e Culturas Urbanas apresentar-se-á as primeiras análises do material do RJTV e do SBT Rio. Portanto, para finalizar levanto algumas considerações a respeito da pesquisa:

Os telejornais e, por conseguinte, os outros produtos da televisão, do rádio e da mídia impressa, têm importância como produtores de significados e sentidos, pois o material em texto, áudio e imagem dialoga com outras fontes de informação. As pesquisas sobre a população, os trabalhos científicos, o discurso dos políticos, os relatos individuais, as fotografias e os mapas são componentes dos produtos comunicacionais. Tais produtos não são estranhos à sociedade, pois representam e rerepresentam acontecimentos através de uma linguagem própria ao veículo que é inteligível para leitores e telespectadores. No entanto, durante a pesquisa, foram encontrados poucos estudos que tratam da análise de conteúdo dos telejornais.

É válido destacar que o telejornal dramatiza acontecimentos cotidianos da cidade e apresenta questões que podem ser encontradas em áreas de conhecimento científico como a falta de saneamento, a violência, o não reconhecimento de direitos e a má administração pública. Tais questões são editadas pelos telejornalistas: quem tem espaço para falar e que registro é transmitido dessa fala, são detalhes que colaboram positiva ou negativamente para uma concepção dos espaços e do cotidiano da cidade.

Pode-se perceber a existência de uma repetição de enunciados e imagens das características relacionadas à ocupação do espaço urbano. Isto se dá, pois as diferenças de renda, escolaridade, trabalho e estilo de vida pesam principalmente sobre a condição dos moradores das favelas e dos subúrbios, como também foi observado por Peralva (2000) e Ribeiro (2001), e os distanciam socialmente do que idealizamos por cidadania. O que não é apenas um problema de exclusão ou de segregação. “Mais do que isso, trata-se da defasagem existente entre o olhar com que a cidade considera os favelados, entre as formas simbólicas pelas quais a identidade favelada é definida, que se tornaram relativamente anacrônicas, a realidade material e cultural da nova situação que vivem.” (PERALVA, 2000, p. 63)

O que mostra que para além da “Cidade Partida” e adentrando a “Cidade Cerzida”, temos como questão a formação da cidadania no Brasil. Apesar de não ser objeto desse estudo, é imprescindível refletirmos sobre a afirmação de Velho (2000) que



afirma que não há uma cidadania de primeira, segunda e terceira classes como ele próprio supunha em trabalhos antigos. “O fato de um sujeito ser um cidadão de primeira classe é porque ele tem um privilégio. Se ele tem um privilégio e outro não tem, não existe cidadania. Porque a idéia de cidadania é basicamente a idéia de que o outro tem, pelo menos potencialmente, os mesmos direitos e deveres.”(VELHO, 2000, p.236)

Nesse sentido, algumas questões da divisão social permanecem não só em relação à ocupação do espaço de moradia. As pessoas não estão distantes socialmente nos casos de ocupação do espaço urbano como Zona Norte – Zona Sul e favela – não-favela, mas em todo território da cidade. A distancia aqui não é de uma classe em relação à outra, mas de pessoas que ao relatarem seus problemas em um telejornal nos mostram o abismo entre o acontecimento cotidiano e o ideal de cidadania e de cidade.

A outra é a existência entre eles daqueles que conseguem dar “seu jeito” e resolvem seus problemas através das relações familiares, amigos, e não reclamam, por conseguinte, seus direitos sociais e civis. Apesar da cidadania ser uma questão de extrema relevância como vimos acima, pode-se dizer que há uma possibilidade de negociação nos espaços sociais e não há uma estrutura social rígida ou homogênea. É essa a maneira, “o jeito”, como na genial análise de DaMatta (1984), de fazer do carioca e também do brasileiro.

Referências bibliográficas

ABREU, M. d. A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Jorge Zahar, 1987.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CANCLINI, N. G. **Consumidores & cidadãos: conflitos culturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984.

DREIER, P. How the media Compound Urban Problems. **Journal of Urban Affairs**. v. 27, n.2, p.193-201, 2005.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A, 1988.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.a

_____. **Os Exercícios de ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: SENAC, 2001.b

_____. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.



- MEDRADO, B. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: SPINK, M. J. P. (Org) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Editora Cortez, 1999.
- MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. Síntese de Indicadores Sociais 2004. **Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica**. Rio de Janeiro: IBGE, n. 15, 2005.
- NAJAR, A.L.; FARIAS, L. O.; MARQUES, E. C.; ZACKIEWICZ, C. Desigualdades sociais no Município do Rio de Janeiro: uma comparação entre os censos 1991 e 1996. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro: v. 18, 2002.
- PERALVA, A. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- REZENDE, V. **Planejamento urbano e ideologia: quatro planos para a cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- RIBEIRO L. C. d. Q., Lago L. C. d. A oposição favela-bairro no espaço social do Rio de Janeiro. **São Paulo Perspectiva**. São Paulo, v. 15, n. 1, 2001.
- ROCHA, A. **Cidade Cerzida: a costura da cidadania no Morro Santa Marta**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.
- SODRÉ, M. **A Máquina de Narciso; televisão, indivíduo e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.a
_____. **O Monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1984.b
- SZPACENKOPF, M. I. O. **O olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. Notícias e serviços: um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 23, n. 37, p. 125-144, 1o. sem. 2002.
- TILBURG, J. L. v. **A Televisão e o mundo do trabalho: o poder de barganha do cidadão-telespectador**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990.
- VALLADARES, L. d. P. **Passa-se uma casa. Análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
_____. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- VELHO, G. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
_____.; Alvito M. (orgs.) **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ e Editora FGV, 2000.
_____. (org) **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
_____. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- VENTURA, Z. **Cidade Partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.



Anexo I

Ranking Audiência - MediaQuiz (Ibope)
Praça: Rio de Janeiro
UNIVERSO: GRJ / Grande Rio de Janeiro
Período: Novembro 06

Emissora	Organização	Hora	GRP	Pessoas	Domicílios
GLOBO	RJTV 2A EDICAO	18:55:57	37,94	3.863.847,54	1.325.054,5
GLOBO	RJTV 1A EDICAO	12:00:20	16,32	1.662.045,12	569.976
SBT	JORNAL SBT RIO	12:44:02	8,74	890.090,84	305.244,5
GLOBO	BOM DIA RIO	06:34:51	7,28	741.402,98	254.254
RECORD	RJ RECORD	18:41:18	3,3	336.075,3	115.252,5
BANDEIRANTES	JORNAL DO RIO	19:02:36	2,4	244.418,4	83820

Em números, 1 ponto de audiência - RJ, representa:

- 34.925 DOMICILIOS
- 101.841 PESSOAS